

no entanto, sera feita em par-
carros com selo verde, mas



de contas com quase 140 mil apos-
entados.

Caso consiga dobrar o cole-
ga da Fazenda, o ministro da
Previdência, que se reuniu on-
tem com dirigentes de entida-
des ligadas a aposentados e de
centrais sindicais, incluirá na
pauta de reivindicações o pa-
gamento da diferença de 0,06%
que não foi aplicada no reajus-
te dos beneficiários do INSS
em 2011. Se aprovada a pro-
posta, a Previdência pagará a
diferença retroativamente des-
de janeiro último.

Tombini confiante

O presidente do Banco Central,
Alexandre Tombini, destacou
ontem que o avanço de preços
estimados em títulos do Tesouro
está abaixo de 5% pela primeira
vez desde setembro de 2009.
As NTN-Bs com vencimento em
agosto de 2012 fecharam o dia
com inflação implícita de 4,99%,
sinal de que os compradores
desses papéis projetam menos
pressões nos preços no
ano que vem.

levantamento anterior. O resulta-
do foi puxado especialmente pe-
los produtos agropecuários, que
recuaram 2,47% no período.

O quadro só não foi melhor
para o Banco Central porque
outro medidor da carestia, o In-
dice de Preços ao Consumidor
Amplio - 15 (IPCA-15), calculado
pelo Instituto Brasileiro de Geo-
grafia e Estatística (IBGE) regis-
trou alta de 0,23% entre a segunda
quinzena de maio e a primeira de
junho. Embora tenha ficado abai-
xo dos 0,70% aferidos anterior-
mente, a taxa superou a média de
0,17% estimada pelo mercado.

Apesar de, em ambos os casos,
o comportamento ser considera-
do temporário, alguns analistas
já observam redução nas pres-
sões de itens que, normalmente,

sistente da atividade", afirmou o
economista Fábio Romão, da
LCA Consultores. O grupo avan-
çou 0,53% em junho, segundo o
IPCA-15, abaixo do 0,63% de
maio. "Foi uma redução modesta,
mas indica pressões meno-
res", ponderou.

Assim como o IGP-M, o IPCA-
15 foi influenciado pelo impacto
dos produtos agropecuários e ali-
mentícios. Nos dois indicadores,
a batata-inglesa se destacou en-
tre as maiores quedas de preço —
23,4% pelo levantamento da FGV.
Os transportes também foram ar-
rastados para baixo em função da
redução de 3,43% no valor da ga-
solina nos postos. No IPCA-15, o
grupo deixou de computar alta
de 0,93% para apresentar recuo
de 0,73% em junho.

O caminho é incentivar
o investimento — e ad-
ministrar os deficits ex-
ternos até que surja a
capacidade de produ-
ção que atenda ao con-
sumo doméstico em re-
gime de pleno emprego
e ainda gere excedente
para exportar.

Não se inventa a ro-
da. Assim foi onde o de-
senvolvimento deixou
um legado bem-sucedido.
Mas no Brasil sem-
pre faltou alguma coisa.

Nos governos militares, investiu-se como nunca, sem atenção
ao social. Depois, foram duas décadas de recuperação da sol-
vência do Estado, com a infraestrutura e a área social deixadas
em segundo plano.

Overdose de vitamina

Desde 2003, superada a mesmice do ajuste, em grande par-
te ajudada pela febre das commodities no mercado externo,
caiu o velho drama da escassez cambial. A economia ganhou
autonomia. E a área social e a infraestrutura ascenderam ao
topo das prioridades, impelindo o investimento concomitante
ao aumento do gasto fiscal e do crédito.

A soma dos estímulos ao crescimento já pedia alguma arbi-
tragem de prioridades, que não houve, embora setores do go-
verno Lula, antes da grande crise de 2008, manifestassem
preocupação com o ritmo dos deficits externos. A crise impor-
tada abafou tal receio. E suscitou o da inflação, quando as
ações antirrecessão aceleraram a economia e se encavallaram
com o choque externo dos preços agrícolas.

Opção do meio termo

Assim estamos: com o BC inflando a Selic, a inflação extra-
vasando o teto, a Fazenda preocupada com a influência dos
juros na atração de capitais externos que valorizam o real e a
presidente às voltas com a meta do IPCA para 2013. Tais even-
tos sugerem ser preferível repetir a meta de 4,5%. Menos que
isso pode obrigar o BC a manter, indefinidamente, a Selic re-
corde no mundo. Tal cenário é ruim.

Mas, a se crer no BC, a inflação voltará à meta ao longo de
2012, e a Selic poderá ser afrouxada. Neste cenário, a inflação
de 4,5% é excessiva. Uma pequena ousadia seria tirar 0,50
ponto percentual do teto da meta: não induz o BC à ortodoxia
e mantém a expectativa de o governo, caso possa e queira, ata-
car as raízes das inflação.

Autonomia é a chave

O governo se submete a constrangimentos, limitando o
crescimento sustentado da economia, ao se imobilizar pela
meta de inflação sem dispor de condições para se livrar da de-
pendência de juros altos e do câmbio valorizado. Autonomia é
o nome do jogo. Sem ela no plano externo, o país ainda estaria
emulando as desditas da Grécia.

É o que falta no plano fiscal: a autonomia em relação ao
mercado financeiro, ao que se chega com equilíbrio orçamen-
tário, com menos indexação, com o giro da dívida pública sem
proteção contra perdas patrimoniais, com menos depósitos
compulsórios e com a inflação tratada por vários instrumen-
tos. A falta de tais condições explica a aberração dos juros re-
cordes no mundo. A ganância é resultado.

*Repetir em 2013
a meta de
inflação seguida
há 8 anos indica
pouca disposição
de arejar a
economia*

Leão é mais manso com os ricos

» ROSANA HESSEL

No país onde o contribuinte
trabalha mais de quatro meses só
para pagar impostos, as distor-
ções saltam aos olhos. Os traba-
lhadores com salários mais altos
recebem uma mordida do Impo-
sto de Renda (IR) menor do aque-
les que ganham menos, o que tor-
na o Brasil um ponto fora da cur-
va na comparação com nações
emergentes e desenvolvidas.

Segundo levantamento da
Consultoria UHY Internacional,
com sede em Londres, um profis-
sional que recebe até US\$ 25 mil
por ano (R\$ 3,3 mil por mês) no
Brasil embolsa, depois do paga-
mento de IR e da Previdência So-
cial, 84% do seu rendimento. Já
os que ganham US\$ 200 mil por
ano (R\$ 26,6 mil mensais), ficam
com 74% do ganho bruto. Essa
diferença de 10 pontos é uma das
menores entre 20 países pesqui-
sados. Ou seja, os trabalhadores
brasileiros de alta renda têm sal-
do líquido maior do que italia-
nos, americanos, holandeses,
alemães e japoneses.

"Parece até haver erro no le-
vantamento, uma vez que o Brasil
é o país com uma das maiores car-
gas tributárias do mundo, mas as
distorções ocorrem em outros im-
postos que são cobrados indireta-
mente ou em cascata e que não
são contabilizados na pesquisa",

explicou o presidente da UHY
Moreira-Auditores, Paulo Moreira.
"A percepção de que os descontos
do IR são baixos no Brasil é eficaz
para trazer bons talentos para o
país, como os profissionais recente-
mente contratados, principal-
mente, por empresas do setor de
petróleo e gás. Eles se sentem me-
nos tributados", comentou.

Injustiça

No entanto, a realidade vem à
tona rapidamente quando se in-
stalam em território nacional.
"Nessa hora, eles só descobrem
que a carga tributária e os custos
são maiores, especialmente
quando começam a pagar a conta
de luz, o telefone e a consumir
no país", acrescentou.

O advogado tributarista Ilan
Gorin ressaltou que, apesar de
ser progressivo, com alíquotas
maiores para quem ganham
mais, o Imposto de Renda não re-
flete uma justiça para os salários
menores. "Se contabilizarmos tri-
butos que não têm alíquotas dife-
renciadas, como IPI (Imposto so-
bre Produto Industrializado),
ICMS (Imposto sobre Circulação
de Mercadorias e Serviços), os
profissionais de renda mais baixa
pagam muito mais imposto pro-
porcionalmente sobre o salário
do que aqueles com altos rendi-
mentos", destacou.

» Distorção (Em US\$)

Imposto de Renda é mais brando sobre os que ganham mais

Na base da pirâmide		No topo do mercado	
Veja o que sobra depois do acerto com Leão para os que têm renda bruta anual de US\$ 25 mil		Veja o que sobra depois do acerto com Leão para os que têm renda bruta anual de US\$ 200 mil	
Alemanha	18.149	Itália	108.189
Índia	18.663	Holanda	109.417
França	18.750	Irlanda	111.905
Itália	18.800	Alemanha	111.953
Estônia	19.518	Israel	112.363
México	20.534	França	117.519
Reino Unido	20.799	Reino Unido	121.819
Egito	20.847	Espanha	127.332
Brasil	21.023	Canadá	129.340
Holanda	21.087	Malásia	137.128
Malásia	21.140	Estados Unidos	139.709
Israel	21.177	Índia	141.163
Canadá	21.204	Japão	144.083
Espanha	21.328	México	146.377
Rússia	21.750	Brasil	148.088
Estados Unidos	22.660	Estônia	152.515
Japão	22.704	Egito	160.847
Irlanda	23.937	Rússia	174.000
Dubai	25.000	Dubai	200.000

Fonte: UHY Internacional